

ULTIMA Hora 11/9/69

A Geração de Aquário,

uma revolta colorida

2



Encontrei Hélio Oiticica na casa de Tom Jobim, que partia no dia seguinte para Paris após seis meses em Londres. Hélio veio com Caetano Veloso e Guilherme Araújo. Já o conhecia e admirava há muito tempo, mas tínhamos pouco contato no Brasil. Conhecia-o de referências importantes a seus trabalhos como artista de vanguarda, sabia-o criador da Tropicália e do que há de mais atual em arte ambiental. Ouvia falar de sua figura quase mítica de passista de Mangueira e intelectual da nova arte, amigo dos malandros de Mangueira e dos intelectuais de vanguarda ao mesmo tempo e com igual receptividade e respeito. Vi suas capas, seus "parangolés", sua arte móvel, criando formas dinâmicas no espaço. Sabia-o em Londres com uma exposição de extraordinária repercussão, balançando público e crítica com o imprevisto e invenção de suas criações. Galeria Whitechapel.



O Guru

HÉLIO foi meu guia através dos caminhos e atalhos que levam à compreensão da geração de Aquário — a juventude explodindo em novos rumos e conceitos: o guru.

Absolutamente integrado de corpo e alma, Hélio me conduziu com naturalidade e certeza através de lugares e pessoas. Ele relata sua experiência neste texto, escrito com talento e sinceridade:

Londocumento

Depois da Whitechapel (primeira e última experiência)

Depois de Paris com Ceres Franco fazendo Rhobo, de Jean Clay ...

Depois de Los Angeles com Lygia Clark, cuja comunicação reviveu e engrandeceu com o contato americano

Depois de Nova Iorque com Gerchman, cujo trabalho cresce dia a dia .. Estou "again" em Londres

E não tenho lugar no mundo

Onde está o Brasil — que represento nele ou onde está a paixão pelo Rio: no ódio ou no despeito, de quem, de onde, porquê — sinto que o Rio e Mangueira me foram a grande experiência, o "amazement" diário, visceral, mas que só eu vivi e senti; se puderem me destróem — mas é que eu não sou otário e não deixo — o mundo me parece pequeno e fêlo — onde está o sonho do novo mundo? Do 3.º, do 4.º, do 5.º ou a obsessão infantil — o mundo é maior que se pensa, mais perdido, é 2/3 de mar, animal e só, vazio de humano — Londres é a solidão "gay-swinging" do mundo: procuro com Caetano à noite, algo que lembre "os mistérios de Londres" ou "Londres depois de meia noite" (como no filme de Lon Chaney), no pequeno trecho de Chalk Farm a Camden Town — mas, parece que o infinito de ruas e casas se fecham — procuro o crelazer: faço planos, começo e recomeço — parece que começo e recomeço não terminam e são o sentido do que não existe e se procura erguer — releio meus textos: hermafroditopótese é o que mais me atinge: é o sentido de tudo, inclusive do crelazer: o sexo não existe como conceito (as roupas são unisex e sempre o foram; faço a rouparangolé) — homo e hetero são o mesmo e nunca existiram como algo real: são a sombra da opressão social — prefiro meus textos poéticos, que nascem na rua, em toda parte, tenho um que escrevi ontem à noite em Charing Cross — noite e dia não importam — coisas profundas podem nascer e vir, se estou com Gil no restaurante macrobiótico ou com Nelson e Mônica no Arts Lab ou com Graham e Murdel ouvindo Varèse — ou ouço rádio ou quando há nitrobenzol no ar (meu filme se chamará Nitro benzol & black Linoleum) — cinema deve ser forte como o underground (eu sou o underground da América Latina), como Chelsea Girls que é América (do

NELSON MOTTA

Norte), mas serei mais forte, serei o trópico sol, serei a explosão minha e sua: não deixe que a tragédia o consuma, ela já existe todo dia — ela passa e está presente — ela é só — é o colapso sobre o colapso — é o ir e vir — é a conquista de se agüentar o dia que nasce, não se querer que à noite termine e que venha o cansaço — escrevo, leio e estou cansado — o Brasil é triste como a idéia de trópico, mas sou eu — aqui, sou o desafio de mim mesmo — sempre adorei o que me é obsto e desafio: o frio, o conforto, "supercivilized" e na noite tanteiam os tambores mentais — Jill está aqui — Josephine — Edward Pope — Guy Brett — Rakys of Sparta — Lea, Françoise — Mike Chapman — sento-me junto à estátua de Eros e penso, vivo mais, enquanto a água e o frio se escondem — mas é um minuto entre o cá e o lá — o BARRACÃO já se ergue dentro e procura a luz do sol.

Meditação — voz alta — época: última semana de agosto 1969 — há um ano da apocalipopótese — da noite negra.

O laboratório

Com Hélio fui ao Arts Lab (abreviação de Arts Laboratory), verdadeiro quartel-general da geração de Aquário. Um casarão comum, grande, não diferente dos que existem nas proximidades de Covent Gardens. Pelas paredes cartazes de todas as formas, cores e feitios, como os mais diferentes motivos e objetivos — políticos, sociais, revolucionários ou meramente artísticos. Poemas concretos e desenhos também pelas paredes sem qualquer organização, alguns bons, outros péssimos. Logo na porta encontramos Mike Chapman — um dos mais importantes poetas de vanguarda da Inglaterra. Imenso, de terno branco, barbas e cabelos enormes e ao invés de sapatos uns incríveis tamancos holandeses de tamanho imprevisível mesmo pelos mais "pra frente". Arrotoando sempre, ele falou de suas novas experiências: com uma doação de 120 mil dólares feita por Silvina De Mille (mecenas do underground londrino e filha do cineasta Cecil B. De Mille) ele está editando um jornalzinho com onze edições diárias. Com o dinheiro ele pretende também comprar uma fazenda perto de Londres onde poderão morar de graça todos que quiserem e tiverem qualquer ligação com a comunidade (melhor dizer "tribo) underground. Há também o fantástico projeto de uma casa de plástico inflável com héllum que flutuaria alguns

metros acima da terra. Toda transparente, um balão feito casa e habitado.

Não há cadeiras ou sofás, as moças e rapazes espalham-se pelo chão da parte térrea em frente a um aparelho de televisão operado em circuito fechado, onde são feitas as experiências de vanguarda televisiva. Uns deitados, outros sentados, outros em pé, conversando ou calados. A imagem treme, negaceia e se fixa na tela da TV: um casal na cama, ainda vestido. Quinze minutos depois o casal já está despido, os espectadores ainda atentos. Depois acontece o que todos esperavam como desdobramento normal do que começou. Sem nenhum artifício, sem qualquer charme, exotismo ou erotismo, quase um filme científico, chato. O pessoal começa a se desinteressar, o casal continua cumprindo sua atuação sem brilho e com seriedade. Poucos ainda prestavam atenção quando, meia hora depois, o ato terminou o casal se vestiu no fim da transmissão.

Alguém grita que vai começar o teatro-balé-música, tudo junto no pequeno teatro experimental do térreo. Alguns se interessam pelo título — *Benediction* — e tomam seus lugares — pagos — enquanto outros sobem ao bar do segundo andar para tomar chá de jasmim ou café. Não há bebidas alcoólicas. A mesa é grande e comum a todos, é mais uma característica tribal entre as muitas da geração de Aquário.

Ao mesmo tempo que o teatro é anunciada uma sessão de cinema: filme underground cubanos e o *Magical Mystery Tour* dos Beatles. Também não há cadeiras no "cinema". Todos ficam deitados pelo chão, uns ao lado dos outros, outros por cima de outros, ninguém se importa, não há brigas por lugares na imensa cama tribal.

Música, teatro, balé, cinema e televisão acontecem com imprevisto e simultaneidade até não haver mais público. Muitos dormem no Arts Lab, às vezes alguém lê em voz alta seu mais recente poema ou texto político. Não há nervosismo ou calma, tristeza ou alegria. Como nos velhos filmes de Lon Chaney, o Arts Lab seria um dos mistérios de Londres depois de meia noite para as cabeças cheias de temores e espantos dos "outros" — dos que já estão dormindo tranqüilos, velando por suas famílias e sonhando com a aposentadoria nos empregos que odeiam...